



LIVRO 7
O IMPÉRIO DE FERRO
JAMES DASHNER

Tradução
ALEXANDRE BOIDE

SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2014 by Scholastic Inc.
Todos os direitos reservados. Publicado mediante acordo com a Scholastic Inc.,
557 Broadway, Nova York, NY 10012, EUA.
INFINITY RING e os logotipos associados são marcas e/ou marcas registradas da
Scholastic Inc.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Iron Empire

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Michael Heath

DESIGN DE CAPA E MIOLO Keirsten Geise

ILUSTRAÇÃO DE MIOLO Jim McMahon © Scholastic Inc.

PREPARAÇÃO Bárbara Prince

REVISÃO Julia Barreto e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dashner, James

O império de ferro / James Dashner ; tradução Alexandre Boide.
— 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2015.

Título original: The Iron Empire.
ISBN 978-85-65765-66-4

1. Ficção norte-americana I. Título.

15-02683

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br



Os olhos do cavalo

— EU NUNCA PEDI NADA ANTES — Dak falou, cruzando os braços e tentando mostrar que não voltaria atrás. — Nós já estamos aqui. Nada de mudar de ideia.

Olhou para sua melhor amiga, Sera Froste, e para aquele que pouco a pouco se tornava seu segundo melhor amigo, Riq Jones. Eles estavam em um beco sujo atrás do Teatro Ford, em Washington. Era 15 de abril de 1865, poucas horas antes do momento que Dak passara a considerar o mais sinistro da história — afinal, seu grande herói estava prestes a levar um tiro na cabeça.

Ele tinha lido sobre isso em um livro de história que conseguira em 1945. Dak conhecia Abraham Lincoln como o congressista e advogado que, por defender o fim da escravidão, foi silenciado pela SQ. Mas, quando os viajantes do tempo corrigiram uma Fratura em 1850, indiretamente con-

tribuíram para que o homem realizasse grandes feitos. Dak leu tudo a seu respeito.

E não conseguia se conformar com o que aconteceria a seguir.

— Você não aprendeu nada desde que começamos a missão? — questionou Riq. O garoto mais velho não estava apenas querendo contrariá-lo. Até Dak era obrigado a admitir que a preocupação de Riq era bem válida. Mas aquele era Abraham Lincoln. O *presidente* Abraham Lincoln. Eles estavam diante de uma oportunidade única.

Sera assentia desde o momento em que Riq abrira a boca.

— Ele está certo, Dak. Gosto muito de você e sei o quanto considera isso importante, por isso topei vir. Mas agora... não podemos fazer isso. Sem chance. Me desculpa.

— Sim. Podemos, sim. — Dak se esforçava para manter o controle. Estava convicto. Ele queria salvar o presidente Lincoln, e não voltaria atrás.

— E arriscar tudo o que fizemos? — Sera rebateu. — Acabar com o equilíbrio de tudo? Criar uma nova Grande Fratura?

Dak sentiu o peito arder.

— Impedir o assassinato do nosso maior presidente não vai criar uma Fratura! Só vai ajudar o mundo a melhorar!

— A questão não é se os acontecimentos foram bons ou ruins, e você sabe disso — Riq falou. — O que interessa é o padrão e suas quebras. São elas que desestabilizam a realidade. Os Guardiões da História não disseram que a morte de Lin-

coln era uma Fratura, então impedir o assassinato dele pode *criar* uma.

— E isso pode ter um efeito dominó — acrescentou Sera.

Dak suspirou. Eles haviam acabado de salvar o Louvre, na França, da sabotagem de Maria Antonieta. Abraham Lincoln deveria ter no mínimo a mesma importância de um museu velho.

— Então são dois contra um? — ele perguntou timidamente, perdendo o ar de desafio. Dak ouviu o som de cascos de cavalo pisoteando a rua, e imaginou que a carruagem do presidente chegaria em instantes.

— São dois contra um — confirmou Sera. — Ainda bem que estamos em número ímpar para não empatar as decisões, certo?

— Certo — Dak consentiu. Mas em seguida se virou e correu pelo beco em direção ao som dos cavalos. Deixando a democracia de lado, ele estava decidido a falar com Lincoln, nem que fosse a última coisa que faria.

Sera gritou seu nome, e ele ouviu os passos dos amigos logo atrás. Dak sabia que não conseguiria escapar correndo, então decidiu se arriscar. Ele entrou na rua principal, por onde circulavam dezenas de pessoas, cavalos, carroças e carruagens. Gritos e xingamentos explodiam em seus ouvidos enquanto ele abria caminho aos empurrões, quase sendo atropelado por um cavalo preto cujos olhos pareciam dizer: “Ei, seu idiota, pare de se intrometer na história”.

Dak desviou do cavalo e de seu cavaleiro e continuou

correndo pela calçada, passando por lojas, curtumes e uma agência de correios. Viu uma brecha na multidão e atravessou a rua na direção do Teatro Ford, onde o terrível crime seria cometido dali a algumas horas. Ele chegou até a porta, torcendo para que estivesse aberta, sem se preocupar com quem pudesse encontrar lá dentro. Ninguém era melhor em um jogo de esconde-esconde do que Dak “Fantasma” Smyth.

A porta se abriu facilmente.

Um minuto depois, Dak estava agachado atrás de uma cortina no fundo do teatro, com a respiração acelerada como a de um animal faminto.



Depois de uma hora procurando, Sera desistiu.

— Que imbecil — Riq reclamou, com as costas apoiadas contra a parede de madeira de uma tonelaria. — Nada me irrita mais do que quando ele começa a agir como um bocó.

— Ninguém mais fala assim — respondeu Sera, distraída.

— Em 1865? Na verdade, as pessoas ainda nem começaram a usar essa palavra. Não até 1889. — Riq sorriu. — Mas eu gosto dela. A gente devia dizer “bocó” com mais frequência. Principalmente para se referir ao Dak.

Sera suspirou, sentindo os olhos encherem de lágrimas.
Qual é, Dak, pensou. *Por favor, não estraga tudo.*

Uma bela carruagem com dois cavalos abria caminho pela rua, e as pessoas começaram a apontar e cochichar entre si.

Sera entendeu de quem se tratava antes mesmo de os cavalos pararem em frente ao Teatro Ford.

Apesar de tudo, ela olhou admirada quando o homem de quem Dak falava com tanta reverênciа desceu da carruagem todo elegante com sua barba e cartola, apesar da magreza. Abraham Lincoln havia chegado.



Uma conversa com Abe

QUANDO DAK SE CERTIFICOU DE QUE HAVIA DESPISTADO Riq e Sera, andou escondido pela plateia, atravessou uma porta, subiu um lance de escadas e se dirigiu até o camarote onde sabia que o presidente Lincoln e sua esposa sentariam. Eles deveriam chegar a qualquer momento.

Antes devê-lo, Dak ouviu sua voz.

Ele achava que o maior governante que o mundo conhecia devia ter uma voz grave, profunda e retumbante, que poderia ser ouvida de uma ponta a outra do país sempre que o homem quisesse se pronunciar. Mas não era o caso. A voz de Lincoln era aguda e um tanto desagradável. Para Dak, isso o tornava ainda mais simpático.

— Nossos assentos são aqui em cima, Mary — disse o presidente. — O pessoal do Ford foi muito gentil em providenciá-los. É uma ótima forma de celebrar a rendição dos Confederados, não acha?

— Ora, sim, querido. Foi muita gentileza deles.

Dak mal conseguia se conter. Naquele momento, não havia nada que desejasse mais do que dar um grande abraço na primeira-dama Mary Todd Lincoln.

Quando o casal chegou à pequena cabine, Dak tomou coragem e saiu das sombras. Quando fez isso, Mary soltou um gritinho e agarrou o marido pelo braço. Já o sr. Lincoln seguia a mulher com quase a mesma força, e soltou um guincho que parecia o de um camundongo sendo pisoteado. Ele não poderia culpá-los pela reação ao ver um nerd com roupas estranhas aparecer do nada.

Dak ergueu as mãos.

— Olá. Não se preocupem, não estou aqui para matar vocês nem nada assim. Eu sou do futuro. Mary, você está muito elegante hoje.

Ele soltou uma risadinha, e seu rosto ficou vermelho como brasa quando Dak se deu conta de que havia dito as frases mais idiotas já pronunciadas por um ser humano.

O presidente, no entanto, já tinha retomado a compostura e exibia uma expressão tranquila no rosto.

— Filho, posso lhe ajudar em alguma coisa? Eu e minha esposa viemos para assistir ao espetáculo.

— Pois é, sobre isso... — começou Dak, pensando em uma maneira de dar seu recado. Ele havia ensaiado mentalmente sua fala várias vezes, mas no último momento esqueceu tudo. — Então, só preciso de um minuto. Sei que parece loucura, mas sou mesmo do futuro. E tenho uma informação

que você precisa saber. Tem um homem chamado John Wilkes...

— Pare.

Abraham Lincoln disse só uma palavra, mas com tanta autoridade que Dak não desobedeceria nem por um milhão de dólares. Em seguida, o presidente se abaixou diante do menino — um grande feito, considerando o tamanho de seus braços e pernas — para que os dois pudessem conversar de igual para igual. Lincoln estendeu as mãos e segurou os ombros de Dak.

— Escute, filho, dá para perceber que você é uma boa pessoa e que seus pais têm motivos para se orgulhar. Se está me dizendo que vem do futuro, eu acredito. Porém, se isso é verdade, existe uma lição a aprender aqui. Uma lição sobre o destino. Meu caminho já está definido, assim como o seu. Só cabe a nós percorrê-lo.

— Mas... — começou Dak e ficou quieto de novo ao ver o olhar de Lincoln.

O presidente sorriu.

— Qual é o seu nome?

— Dak.

— Dak? Que incomum. Mas eu gostei. — Lincoln levantou, elevando-se como se tivesse vários metros de altura. Depois, encarando o menino, completou: — Agora vá percorrer seu caminho, Dak. Faça coisas boas. Faça do mundo um lugar melhor.

Dak assentiu, e nesse momento teve certeza de que Sera

e Riq estavam certos. Ele suspirou, sentindo-se reconfortado de certa forma. Mais uma vez, Abraham Lincoln fora o herói do dia.

— Adeus, Dak — falou o presidente.

— Tchau — foi tudo o que Dak conseguiu dizer, sentindo um nó na garganta.

Ele se afastou de seu herói com o coração disparado, enquanto aquelas seis palavras ressoavam em sua mente. Seis palavras das quais jamais se esqueceria.

Faça do mundo um lugar melhor.